

Resenha do livro: GÓMEZ, Antonio Castillo (dir.); BLAS, Verónica Sierra (edit.). El legado de Mnemosyne - Las escrituras del yo a través del tiempo. Gijón (Asturias), Espanha: Ediciones Trea, S.L., 2007.

**Resenha de Alboni Marisa Dudeque Pianovski Vieira
Pontifícia Universidade Católica do Paraná - PUCPR**

Mnemosyne, um dos mitos mais antigos da cultura ocidental, mãe das nove Musas, nascidas de sua relação com Zeus, inspirou o título da obra organizada por Antonio Castillo Gómes e Verónica Sierra Blas, professores da Universidad de Alcalá, Espanha. Concedendo ao homem a capacidade da memória, Mnemosyne possibilitou aos autores a organização de uma obra cujo olhar está voltado à escrita de histórias de ontem e de hoje, repletas de lembranças e esquecimentos, de vida e morte, de amor e desamor. O subtítulo do livro - “as escritas do eu através do tempo” - remete às múltiplas formas de manifestação do eu, por meio de livros, cartas, livros de família, diários íntimos, autobiografias, memórias.

O livro possui 418 páginas que contemplam dezoito artigos escritos por autores franceses, espanhóis, italianos, portugueses e brasileiros. Com editoração impecável, o trabalho agrupa os resultados de pesquisa em torno de cinco eixos: papéis domésticos, variações sobre o diário, memórias, escrita epistolar e outras representações do eu.

Na introdução, Gómez ressalta que, para os fins da obra, não importa que memória e história sejam termos com significado diverso, uma vez que seu objetivo é “explorar as manifestações, formas e avatares dos escritos nos quais se identifica uma vontade maior ou menor de recorrer à escrita para buscar e ir construindo a identidade de quem escreve ou se dispõe a fazê-lo” (p. 12). Os artigos tratam de testemunhos ligados a uma memória eminentemente prática e instrumental, como também de manifestações de caráter mais íntimo, como os diários, a partir de pessoas de diferentes condições, articulando sua memória pessoal, familiar e social.

O primeiro eixo, “Papéis domésticos”, é composto por cinco artigos. Em “Maux dits, maux écrits: du soin de soi à l’attention aux autres dans les écrits du for privé français, XVe - XVIIIe siècle” (pp. 17-37), Sylvie Mouysset, da Université de Toulouse - Le Mirail, busca identificar as diferentes formas pelas quais se inscreve a doença nos livros de memória, com a menção dos males que afetam aqueles que integram o pequeno mundo do escritor. Os detalhes sobre a morte dos pais e as doenças que afetam as crianças se encontram em primeiro lugar, vindo em seguida a figura da esposa, mais frequentemente referida do que os esposos, são “memorizados” no livro de família. Outros membros do clã familiar, parentes próximos ou longínquos, verdadeiros amigos (“amis charnels”) e empregados domésticos merecem também atenção dos chefes de família. Outra é a referência que esses autores fazem de sua própria história, porém, significando que muitas vezes estão ausentes de seu próprio livro. Dos escritos se extrai preciosos testemunhos dos laços que unem os seres, com manifestações de cuidados aos doentes em tempos de grandes epidemias, que contribuem para a história da vida privada.

Daniel Piñol Alabart, da Universitat de Barcelona, escreve sobre “Salud, dinero y amor sobre el papel: usos domésticos de la escritura em Reus (siglos XVIII - XIX)” (pp. 39-54). De acordo com os estudos de Alabart, tudo o que se considera importante na vida pode ser resumido em três itens: a saúde, o dinheiro e o amor, a partir dos quais analisa os usos que lhes são dados na escrita dentro do círculo familiar. Foram analisados

documentos constantes de arquivos comerciais e de empresas, patrimoniais e pessoais, buscando-se dados sobre as atividades econômicas de algumas das famílias mais influentes de Reus e arredores. Registros de compra de medicamentos, com instruções claras sobre procedimentos para seu uso, também são analisados. Por último, são estudados poemas, cantos populares e romances transcritos em pequenos papéis que algum dia foram enviados à pessoa amada. Constituem exemplos do papel fundamental da escrita na conservação da memória e na segurança que o escrito traz em questões de gestão, conselhos médicos ou na expressão do amor.

Em “Las escrituras del yo en los libros de cuentas de Pedro Jado (1844-1879)” (pp. 55-73), Rosa María Blasco Martínez e Carmen Rubalcaba Pérez, ambas da Universidad de Cantabria, analisam livros e cadernos de contas pessoais, utilizados por Pedro Jado, um pequeno proprietário de Escalante, na Cantabria, que viveu no século XIX. O artigo conduz à percepção de que não só comerciantes, artesãos e camponeses anotavam nos livros e cadernos as distintas operações mercantis que realizavam, mas também indivíduos pertencentes a outros grupos socioprofissionais e instituições públicas. As autoras destacam a escassez de estudos com tal característica, marcada pela dificuldade de se localizar documentos dessa natureza conservados e organizados.

Em “Dai conti ai racconti. Appunti quotidiani e racconto di sé fra 800 e 900” (pp. 75-94), Fabio Caffarena, da Università degli Studi di Genova analisa registros de caráter econômico, feitos por indivíduos tão-somente alfabetizados, numa escrita espontânea e casual que demonstra a apropriação de uma nova técnica para anotações contábeis de maior durabilidade. A difusão transversal dessa técnica por todas as classes confirma a passagem da memória oral ao suporte físico escrito.

Como último artigo do primeiro eixo, Carlo Stiaccini, da Università degli Studi di Genova, apresenta “Orsanti. I quaderni di famiglia dei girovaghi dell’appenninno ligure-emiliano” (pp. 95-112), com ilustrações contendo três cadernos da família Dallara, de Fontanabonardi, datados presumivelmente de 1862 a 1935. Durante ao menos um século, essa família desenvolveu trabalhos itinerantes, escrevendo sobre suas finanças nos cadernos objeto do estudo.

No segundo eixo, “Variações sobre o diário”, são apresentados três artigos. O primeiro deles, de Jesús González de Chávez, da Universidad de Las Palmas de Gran Canaria, intitulado “Los diarios canarios del Antiguo Régimen desde el punto de vista histórico” (pp. 115-138), analisa quatro diários do período compreendido entre 1760 e 1814, com o objetivo de investigar a que se propunham seus autores ao escrevê-los, quais os temas e assuntos tratados e como o fizeram. Mostra a utilização do diário como fonte histórica cujo principal valor reside na subjetividade e na mentalidade dos autores, permitindo entender a sociedade da época em que viveram. O recurso a outras fontes não é descartado com a finalidade de conhecer critérios ideológicos, precisar e clarear fatos ou acontecimentos referidos nos diários.

O artigo seguinte, de José Medina Ocaña, do Colegio Montserrat de la Fundación Hogar del Empleado (Madrid), denomina-se “*Diario de um maestro*, de don Andrés Manjón” (pp. 139-162), que é um conjunto de sete cadernos escritos pelo catedrático universitário e educador durante os últimos vinte e oito anos de sua vida (1895-1923). Embora represente apenas uma parte da obra de don Andrés Manjón, autodefinido como “semeador de mestres e escolas”, traz anotações curiosas sobre o ambiente político, socioeconômico e cultural da vida espanhola dos fins do século XIX e dos primeiros 23 anos do século XX. A leitura do Diário permite compreender a gênese, o desenvolvimento, a expansão e a influência da escola avemariana ou manjoniana, da qual Manjón foi

fundador. Ocaña faz uma leitura interdisciplinar do Diário, como inspiração para os professores e fonte para conhecimento da época em que foi escrito.

Na sequência, Sonia Aparecida Siqueira, da Universidade Estadual do Rio de Janeiro, traz “Escrita de si. Conformidade, revolta e crítica nos diários de Carolina Maria de Jesus” (pp. 163-182). Os diários de Carolina Maria de Jesus, fonte para a história do livro e da leitura, englobam sua interpretação de vida, sua visão de mundo e suas desilusões com a natureza humana, desnudando “[...] certos valores que extrapolam o individual para caracterizar uma determinada época de nossa história social” (p. 179). Uma história única, no contexto popular urbano brasileiro, de uma mulher que chegou à vida pública com um livro - “Quarto de Despejo”, que possibilitou sua ascensão social.

O terceiro eixo da obra - “Memórias” - inicia com o artigo de Maria Helena Câmara Bastos, da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, com o título “Antigualhas do Professor Coruja. Memórias de aluno” (pp. 185-209). Buscando “tentar conhecer a educação ministrada em uma cidade, em uma determinada época” (p. 185), a autora escolheu a vida e a obra do professor Antonio Álvares Pereira Coruja (1806-1889), com ênfase em seu livro de memórias “Antigualhas. Reminiscências de Porto Alegre”, composto de várias séries. A incorporação do apelido “Coruja” ao próprio nome, sua vida como professor, as memórias da escola como aluno, a vida cotidiana na cidade de Porto Alegre, como tópicos analisados a partir das obras do Professor Coruja, demonstram quão significativas são as memórias de vida ou as escritas autobiográficas para a construção da história da escola e da educação.

Em seguida, Ernesto Pedreira Rodrigues Português, da Universidade de Lisboa, escreve sobre “Do caderno de contas à escrita do eu: memórias de um barbeiro do Alto Minho (1894-1939)” (pp. 211-232), com o objetivo de colaborar para a criação de uma “[...] atitude pedagógica junto das pessoas e das instituições levando-as a tomar consciência da importância dessas escritas ordinárias, dentro de um marco mais alargado, no abrir de novos caminhos para a [re]construção da história” (p. 232). Para tanto, a preservação e a salvaguarda de fontes como as narrativas do barbeiro António de Sá Vieira, que utilizou seus cadernos de contas para escrever sobre os fatos mais significativos da sociedade do seu tempo, facilita um olhar múltiplo sobre os mais diversos aspectos, contribuindo para a releitura histórica do período.

Outro artigo que integra o eixo “Memórias” é o de Joël Delhom, da Université de Bretagne-Sud (França), intitulado “Lo íntimo em algumas memórias de anarquistas espanhóis” (pp. 233-258). Nele, a relação entre escrita e consciência de classe, buscando conhecer a influência da ideologia do trabalhador em sua autobiografia, é estudada a partir de doze textos produzidos por anarquistas espanhóis de diferentes gerações, dos quais um é mulher, nascidos entre 1889 e 1928. O objetivo é verificar se a ideologia anarquista favorece a expressão do “eu” e confere características específicas a essas autobiografias, que possuem grande interesse sob a ótica da história cultural, social e política.

Felipe Ménguez Rodríguez, do Instituto de Lengua Española, CSIC, apresenta o artigo “Las dos caras de Jano: notas sobre las memórias de Benito Hortelano y Mariano de Cabrerizo” (pp. 259-271). Ambos editores espanhóis, Mariano de Cabrerizo (1785-1868) e Benito Hortelano Valvo (1819-1871) trazem, em suas autobiografias, as características que marcaram a passagem da edição antiga para a moderna na Espanha, como o planejamento cultural e o cuidado como o rendimento econômico de suas empresas.

Como último artigo deste eixo, Denice Barbara Catani, da Universidade de São Paulo, apresenta “As leituras da própria vida e a escrita de experiências de formação” (pp. 273-286), em que investiga “formas de apropriação das experiências de formação,

principalmente escolar, que são descritas em obras autobiográficas publicadas no Brasil, entre o final do século XIX e a década de 70 do século XX” (p. 273). Considera que as relações pessoais com a escola contidas nas escritas autobiográficas, podem ser úteis como fontes para a história da educação, traduzindo as configurações individuais de processos sociais e colaborando na renovação de opções teórico-metodológicas e temáticas das duas últimas décadas. As obras dos escritores-professores privilegiam dados como o início na profissão, as relações com os alunos e as comunidades nas quais trabalharam, diferentemente de outros documentos.

O quarto eixo da obra, dedicado à “Escrita epistolar”, inicia com o artigo de Orietta Filippini, da Scuola Superiore di studi umanistici di Bologna, com o título “Scrivere ‘per la durezza del vostro cuore’? Scrivere per il riconoscimento delle ragioni di un divorzio (1615-1623), tra la Genova aristocratica e la Roma del Cardinale Maffeo Barberini, poi Papa Urbano VIII” (pp. 289-314). O texto trata das cartas enviadas entre 1615 e 1623 pela nobre genovesa Benedetta Pinelli ao Cardeal Maffeo Barberini, mais tarde Papa Urbano VIII, a respeito de seu divórcio do príncipe Oliva Grimaldi di Gerace. Na categoria escrita epistolar se inserem as análises sobre o vocabulário empregado e a estrutura do texto, contextualizados no tempo e no espaço.

Ucy Soto, da Universidade Estadual Paulista, apresenta “As ‘cartas-diário’ da Condessa de Barral e do Imperador Pedro II do Brasil (século XIX): entre interioridade e exterioridade” (pp. 315-332). Na perspectiva da história cultural, propõe-se uma articulação entre história pessoal e questões lingüísticas, estilo de uma época e questões de gênero, entre interioridade e exterioridade, extraída da correspondência pessoal entre o Imperador Pedro II e a Condessa de Barral ao longo de 40 anos.

O quinto eixo apresentado se refere a “Outras representações do eu”, cujo primeiro artigo é de María José Badenas Población, da Universitat de València, sob o título “*Manu mea roboravi*: representaciones medievales del yo? Monasterio de Sahagún, 1000-1100” (pp. 335-353). O artigo pretende recuperar as afirmações textuais e gráficas do eu na documentação jurídica do século XI do monastério de Sahagún, quando a expressão *manu mea roboravi* (“reforço a minha mão”) era utilizada como confirmação de uma ação jurídica. Acompanha o texto um apêndice com 20 imagens de documentos pertencentes à Colección diplomática del monastério de Sahagún.

Ainda integrante do eixo que trata de outras representações do eu está o artigo de Rosa Maria Gregori Roig, do Archivo General de Indias de Sevilla, sobre “Representación pública del individuo. Relaciones de méritos y servicios em el Archivo General de Indias (siglos XVII-XVIII)” (pp. 355-379). O processo de embarque para as Índias, que se iniciava na Corte, seus requisitos e tramitação, é explicitado por Roig, com ênfase nos documentos necessários à comprovação dos méritos pessoais indispensáveis para se obter a concessão da licença.

O último trabalho constante da obra é “Mapas cognitivos em una experiencia del fin del mundo. Los escritos de Thomas Bridges para la *South American Missionary Society* como diario personal”, de Magdalena A. Rezniki, do Centro de Estudios de la Complejidad de Buenos Aires (pp. 381-400). O reverendo Thomas Bridges foi o primeiro branco a estabelecer-se em Ushuaia, na Patagônia, e seus escritos para a Missão, informando sobre o andamento das tarefas de evangelização, assumiram diversos formatos textuais: informes, cartas, diários e narrações, nos quais se pode identificar o significado do “eu” e dos “outros”.

Para finalizar, “El legado de Mnemosyne - Las escrituras del yo a través del tiempo” traz os resumos e as palavras-chave de cada um dos artigos que o compõem, seguido da síntese bibliográfica dos respectivos autores.

A leitura da obra propicia a compreensão da relevância da categoria autobiografia, em diversos tempos e espaços, como oportunidade para se ressignificar a própria vida, refletindo-se sobre a identidade e auxiliando na compreensão dos acontecimentos políticos, sociais e culturais ocorridos à época dos escritos.

Nos textos mencionados, a história da cultura escrita e a história da educação, entre outras áreas de estudo, participam do diálogo com outras ciências na busca de melhor compreensão sobre as motivações para a escrita do eu em suas diferentes formas.

As diferentes abordagens, feitas por autores provenientes de espaços geográficos diversos, estimulam novos olhares sobre o objeto pesquisado.